



O QUE É E O QUE FAZ A LINGUÍSTICA APLICADA: UMA INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM EM PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

José Elderson de Souza-Santos¹
Caroline Vieira Rodrigues²

What Applied Linguistics is and what it does:
an introduction to language studies from a transdisciplinary perspective

Resumo:

Este trabalho se caracteriza como uma introdução à área de Linguística Aplicada (LA) direcionada a estudantes, professores e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento que desejem compreender fundamentos ontológicos e epistemológicos de pesquisa em LA. Neste texto, desenvolvemos reflexões a respeito do que julgamos como fundamental para a compreensão das perspectivas teórico-metodológicas da LA desenvolvida no cenário brasileiro, área que surgiu na década de 1940 voltada ao ensino de línguas, mas, contemporaneamente, distingue-se de uma aplicação de teorias linguísticas. Assumimos, portanto, postura crítica a respeito da relação entre linguagem e sociedade, cuja principal finalidade é problematizar, através de investigações transdisciplinares, práticas de linguagem nas quais culturas, ideologias, identidades e poder estejam em jogo.

Palavras-chave: Ontologia. Epistemologia. Linguística Aplicada.

Abstract:

This work is characterized as an introduction to the area of Applied Linguistics (LA) aimed at students, teachers and researchers from the most diverse areas of knowledge who wish to understand the ontological and epistemological foundations of research in LA. In this text, we develop reflections regarding what we consider to be fundamental for understanding the theoretical-methodological perspectives of LA developed in the Brazilian scenario, an area that emerged in the 1940s focused on language teaching, but, nowadays, is distinguished from an application of linguistic theories. We therefore assume a critical stance regarding the relationship between language and society, whose main purpose is to problematize, through transdisciplinary investigations, language practices in which cultures, ideologies, identities and power are at stake.

Keywords: *Ontology. Epistemology. Applied Linguistics.*

¹ Mestre em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Linguística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor vinculado à Secretaria de Educação (SME) de Pacoti/CE. E-mail: eldersonsantos@hotmail.com
² Doutora em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina. Professora vinculada à Secretaria de Educação (SME) de Pinhais/PR. E-mail: vrodrigues.ca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Surgida na década de 40, conforme nos ensina Moita Lopes (2009), a Linguística Aplicada (LA) nasceu voltada ao ensino de línguas durante a Segunda Guerra Mundial. Em tal contexto, a investigação em LA se restringia ao estudo de possíveis aplicações das discussões linguísticas no ensino. Cerca de 80 anos depois, após, ao menos, duas viradas científicas³, a LA passou a apresentar uma agenda de discussões mais ampla, embora o ensino de línguas ainda figurasse como tema relevante na área.

Atualmente, uma interpretação simplista do nome pode levar a crer que a LA se pauta na aplicação de teorias linguísticas para resolução de problemas de uso, ensino e aprendizagem de línguas (MOITA LOPES, 2006; 2009); porém, a lógica de pesquisa da LA parte de princípios ontológicos e epistemológicos diferentes dos da Linguística, o que resulta em interesses de pesquisa e bases teórico-metodológicas particulares. Assume-se, como discutiremos ao longo deste artigo, uma postura crítica a respeito da relação entre linguagem e sociedade, cuja principal finalidade é problematizar práticas de linguagem dos sujeitos nas quais culturas, ideologias, identidades e poder estão em jogo, a partir de investigações de cunho transdisciplinar.

No presente trabalho, que se caracteriza como uma introdução à LA direcionada a pesquisadores de outras áreas e entusiastas dos Estudos da Linguagem, desenvolvemos algumas reflexões a respeito de função 3 A primeira virada científica, segundo Moita Lopes (2009), resultou na diferenciação entre LA e aplicação linguística, tendo como principal expoente Widdowson. "Essa discussão vai, então, estabelecer um campo de investigação que começa a se formular como área mediadora, reconhecendo ainda que os tipos de conhecimentos que podem ser relevantes para a investigação dos processos de ensino de línguas necessitam ir além daqueles formulados pela Linguística (tanto da Linguística do sistema como da do discurso). O objeto de investigação, porém, passa a ser também construído com base na relevância que teorias de outros campos do conhecimento possam ter para sua compreensão. Tal tendência é notada nas publicações de Widdowson (1983), que utilizava então conhecimentos advindos principalmente da teoria linguística, da Psicologia Cognitiva e da Sociologia." (MOITA LOPES, 2009, p. 16). Já a segunda virada científica "[...] ocorre quando, abandonando a restrição de operar somente em investigação em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (notadamente, Inglês, embora ainda preponderante) e tradução, o campo começa a pesquisar contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, e em outros contextos institucionais (mídia, empresa, delegacia de polícia, clínica médica etc.). Foram essenciais aqui os *insights* de teorias socioculturais, na linha de Vygotsky e Bakhtin, sobre a relevância de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social, recuperados em muitas áreas de investigação. Essa mudança passa a ser bem perceptível no Brasil a partir dos anos 90." (MOITA LOPES, 2009, p. 17-18, grifo do autor).

damentos ontológicos e epistemológicos de pesquisa, os quais julgamos como fundamentais para a compreensão das perspectivas teórico-metodológicas da LA desenvolvida atualmente no cenário brasileiro. Nosso foco nos princípios de ontologia e epistemologia se dá porque, juntamente com a axiologia⁴, conforme explicam Somekh e Lewin (2005), essas são premissas determinantes nos delineamentos da pesquisa, "[...] fornecendo a estrutura abrangente dentro da qual estruturas teóricas e métodos de pesquisa apropriados são selecionados como a primeira etapa no projeto de pesquisa." (p. xiv). É importante destacar que, embora discorramos sobre concepções ontológicas e epistemológicas na construção do conhecimento na área da LA, é coerente considerar que as perspectivas aqui citadas não são as únicas nos processos investigativos, e que, em movimentos dialógicos, colocam-se frente a outras que postulam diferentes caminhos de pesquisa de acordo com o contexto de investigação.

O público-alvo ao qual destinamos este trabalho foi proposto considerando que, nos últimos anos, tem crescido o interesse de cientistas diversos, como os cientistas naturais, por incluir em seus estudos "[...] fatores sociais, políticos, econômicos e institucionais [...]" (MOON; BLACKMAN, 2014, p. 2)⁵, o que os aproxima cada vez mais de um paradigma investigativo aplicado. Como exemplo de tal realidade, podemos citar as pesquisas de Karen Barad, que, ao propor o conceito de *intra-ação*⁶ em substituição ao de interação, abre caminho para se pensar relações outras entre indivíduos, as quais permitem explicar criticamente tanto questões vinculadas às ciências naturais, quanto ao campo social.

Ora, a LA desenvolvida no Brasil atualmente, como apontamos no primeiro parágrafo desta introdução, é resultado de um longo caminho de pesquisa tri-

4 Referente aos fatores éticos e valores do pesquisador (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2016).

5 Tradução nossa de: "[...] social, political, economic, and institutional factors [...]" (MOON; BLACKMAN, 2014, p. 4).

6 Explica a autora em entrevista a Adam Kleinman em 2012: "A noção usual de interação pressupõe que existem entidades ou agentes individuais com existência independente que preexistem em agir uns sobre os outros. Em contraste, a noção de "intra-ação" estraga o senso familiar de causalidade (onde um ou mais agentes causais precedem e produzem um efeito) e, de forma mais geral, perturba a metafísica do individualismo (a crença de que existem agentes ou entidades constituídas individualmente, bem como horários e locais). De acordo com minha ontologia realista agencial, ou melhor, ética-onto-epistemológica (um emaranhado do que normalmente é considerado como sendo as considerações separadas de ética, ontologia e epistemologia), "indivíduos" não preexistem como tais, mas se materializam em intra-ação. Ou seja, a intra-ação vai para a questão de fazer diferenças, de "indivíduos", ao invés de assumir sua existência independente ou anterior. "Indivíduos" não existem, mas não são individualmente determinados. Em vez disso, "indivíduos" só existem dentro dos fenômenos (relações materializadas / materializantes particulares) em sua reconfiguração iterativamente intra-ativa contínua."

lhado coletivamente por pesquisadores interessados em ir além do estudo da linguagem por si, alcançando pontos de estudos que a Linguística sozinha, sobretudo a estruturalista (que imperava à época do surgimento da LA), possui dificuldades em alcançar: como sobre a relação entre língua e política; língua e ideologia; língua e identidade; língua e cultura; língua e gênero; língua e raça; língua e concepções de humanos não eurocentrados, ou mesmo não humanos; e língua e a relação entre humanos e as novas tecnologias. Logo, compreender as bases ontológicas e epistemológicas que alicerçam a LA do Brasil na contemporaneidade pode ser útil aos pesquisadores de outras áreas que compartilham de anseios investigativos não tradicionais, permitindo a esses conhecerem um pouco dos princípios que têm guiado os trabalhos da área e visualizar os pontos em comum.

A fim de alcançar a discussão a que nos propomos, realizamos uma revisão de literatura que contempla tanto autores que se dedicam à discussão voltada à metodologia de pesquisa (os quais são a base para as reflexões que tecemos sobre ontologia e epistemologia, de modo geral), quanto aqueles que desenvolvem esses tópicos voltados especificamente à LA. Em meio ao primeiro conjunto de autores, encontram-se, para citar alguns, Moon e Blackman (2014), Saunders, Lewis e Thornhill (2016), Duarte Jr. (1994), Somekh e Lewin (2005), Fourez (1995) e Mostajir (2020); já em meio ao segundo conjunto de autores, encontram-se, para citar alguns, Moita Lopes (1998; 2006; 2009), Signorini (2015), Arrojo (1996), Fabrício (2006), Kleiman (2013) e Pires-Santos (2015). O trabalho está dividido em 4 seções localizadas após a introdução: nas duas primeiras, são abordadas, respectivamente, questões ontológicas e epistemológicas orientadoras da pesquisa científica em LA; na terceira, discutem-se as bases teórico-metodológicas da LA no cenário brasileiro; por fim, tem-se a conclusão.

2. QUESTÕES ONTOLÓGICAS ORIENTADORAS DA PESQUISA CIENTÍFICA EM LINGUÍSTICA APLICADA

Segundo Saunders, Lewis e Thornhill (2019), o pensamento ontológico no fazer científico se refere a suposições acerca da realidade do mundo e de como os objetos de pesquisa, que constituem essa realidade, são estudados. Tais percepções, como apontam Moon e Blackman (2014), são fundamentais para delinear a pesquisa científica, tendo em vista que "a forma como os pesquisadores escolhem seus métodos demonstra um compromisso com uma versão do mundo e como o pesquisador pode vir a conhecer esse mundo" (MOON; BLACKMAN, 2014, p. 4)⁷.

7 Tradução nossa de: "How researchers choose their methods demonstrates a commitment to a version of the world and how the researcher can come to know that world."

Conforme as autoras, a percepção de mundo do pesquisador é fundamental para delinear a pesquisa científica. Diferentes maneiras de interpretar a realidade resultam no desenvolvimento de perspectivas ontológicas diversas, e por vezes opostas, como é o caso dos vieses ontológicos realista e relativista. Pesquisas científicas pautadas em uma perspectiva ontológica realista tomam a realidade como elemento passível de experimentação e independente do homem, dessa forma, distanciam-se de estudos que partem da ontologia relativista, segundo os quais a realidade do mundo se constitui a partir do ser humano, de modo que a realidade assume caráter relativo de acordo com as experiências de cada indivíduo. O contraste ontológico de percepção da realidade caracteriza as diferentes áreas de pesquisa científica, como as Ciências Naturais e Ciências Humanas, e implica escolhas epistemológicas e metodológicas que, como mencionamos no parágrafo anterior, delinham o processo de produção de conhecimento.

Concernente à questão ontológica da realidade científica, Duarte Jr. (1994), em busca de uma resposta para a pergunta "o que é a realidade?", explica-nos que grande parte do poder que a ciência adquiriu na sociedade em definir o real decorre de sua capacidade de destruí-lo, ou seja, questionar e desestabilizar a relação dos seres humanos com o mundo que os cerca, apontando possibilidades de novas compreensões e modos de interação. Ao refletirmos sobre a relação entre o ser humano e o real, enganamo-nos ao pensarmos a existência de um mundo *a priori*, decifrável pela ciência; Duarte Jr. (1994), na verdade, fala-nos que uma pergunta feita ao mundo pode retornar diferentes respostas, o que evidencia não a existência do mundo em si, mas sim sempre um mundo construído pelo humano.

Por essa perspectiva, a teoria científica é percebida como um modelo a partir do qual se interpreta a realidade, dependendo a verdade sobre dados fenômenos de dois fatores: sua localização na história do conhecimento e sua validade num determinado setor da realidade. Partindo dessa premissa, as explicações científicas não somente tendem a mudar com a situação histórica das teorias empregadas na interpretação da realidade, como também variam em decorrência do campo em que emergem, por exemplo, as Ciências Exatas e as Ciências Humanas. Aqueles, debruçam-se sobre o mundo físico-natural, que pode apresentar constâncias e regularidade; esta, por estudar o ser humano, de sua singularidade à sua coletividade, pode entender os dados situados culturalmente e comunitariamente, portanto, instáveis. Assim, o autor argumenta ser mito a concepção de que a realidade seria mais real quando quantificável. Além disso, Duarte Jr. (1994) explica que é possível organizar a realidade como existente de maneira distinta em diferentes zonas, as quais, cada qual, são cobertas por ciências específicas que se utilizam de

métodos particulares, o que, por seu turno, reforça a inexistência de uma ciência única.

Esse caráter tensionador, de compreensão da realidade a partir das subjetividades e da ação do homem no mundo, se associa a uma perspectiva ontológica relativista e pode ser percebido de maneira latente nas pesquisas em LA. A LA é um campo de estudos comprometido com as subjetividades e conhecimentos situados, interessado em ouvir a voz do outro (MOITA LOPES, 1998; 2006), no qual as pesquisas se voltam às práticas de linguagem e conhecimentos produzidos localmente pelos sujeitos. Sujeitos, esses, aqui entendidos como seres sócio-históricos (MOITA LOPES, 2006), que se resignificam identitariamente e modificam seus meios a partir do engajamento em relações sociais. Por essa premissa, avaliamos que discussão apresentada sobre a realidade, presente em Duarte Jr. (1994), se associa às premissas ontológicas da área no que diz respeito à compreensão da realidade situada por sujeitos social, cultural e historicamente constituídos.

Ainda sobre premissas da área, conforme nos ensina Moita Lopes (2006), a fim de contemplar as práticas sociais situadas dos sujeitos, a LA assume um modo de operação indisciplinar, ou seja, não delimitada por linhas disciplinares, teóricas, metodológicas ou analíticas, tendo em vista o foco na investigação de questões relacionadas à linguagem na vida social (MOITA LOPES, 1998; 2006; SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998). A fim de explorar melhor a indisciplinaridade teórica, apresentaremos, na próxima seção, como os princípios ontológicos perpassam questões epistemológicas para a construção de conhecimento científico na área de LA.

3. QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS ORIENTADORAS DA PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA

A discussão ontológica da pesquisa científica, apresentada na seção anterior, é fundamental para compreender como diferentes formas de produção de conhecimento científico se associam a diferentes perspectivas ontológicas. A discussão que se segue apresenta como determinadas suposições acerca da percepção e análise da realidade, tal qual orientações realistas e relativistas, orientam noções do que conta como conhecimento nas áreas de saber, tornando indissociáveis noções ontológicas e epistemológicas no saber científico.

Em relação ao debate epistemológico, Saunders, Lewis e Thornhill (2019) pontuam que a epistemologia de pesquisa concerne àquilo que supomos sobre o conhecimento, bem como àquilo que concebemos como conhecimento válido, aceitável e legítimo. Refletindo sobre tal categoria, Moon e Blackman (2014) destacam que alguns pontos importantes a serem considerados ao se pensar a epistemologia são “[...]

o que constitui uma afirmação de conhecimento; como o conhecimento pode ser produzido ou adquirido; e como a extensão de sua aplicabilidade pode ser determinada.” (p. 5)⁸.

A partir desses apontamentos sobre fundamentos epistemológicos, é possível considerar que compreender a epistemologia de dada área de pesquisa, disciplina ou campo científico é fundamental para definir caminhos teóricos e metodológicos, pois o *locus* em que o cientista se insere, determinante ao orientar o que pode ser conhecido cientificamente, de forma válida e legítima, tem influência sobre toda a pesquisa que desenvolve.

Outro fato em destaque que perpassa premissas ontológicas e epistemológicas diz respeito à neutralidade em ciência e à relação entre ciência e sociedade. Ora, sendo a explicação científica uma interpretação da realidade, essa é jamais inquestionável, absoluta e/ou única, o que reforça a condição das explicações científicas serem condicionadas não somente pela disciplina ou campo de pesquisa em que se insere o pesquisador, mas também pela comunidade que o cerca e pela sociedade do qual emerge. É, pois, o que concebem Fourez (1995) e Mostajir (2020).

Segundo Fourez (1995), a visão clássica a respeito do conhecimento científico o concebe como resultado da observação fiel da realidade. Entretanto, o autor explica que a observação, na verdade, não é processo pacífico, mas sim uma interpretação, tal como vimos em Duarte Jr. (1994). Toda observação, portanto, está situada dentro de um modelo (representação de mundo), que pode ou não ser científico. A ciência é, nesse sentido, uma prática comunitária, ou seja, constituída por seres humanos, na qual a comunidade da qual emerge o conhecimento científico tem forte influência sobre o trabalho do cientista, o que corrobora ser essa uma prática a ser compreendida como socialmente situada.

Mostajir (2020), nessa mesma linha de raciocínio, explica que a noção de imparcialidade, por sua vez, tem forte influência sobre a estruturação da ciência moderna. Segundo a pesquisadora, alimentou-se e se costuma alimentar a ideia de que os resultados a que chegam determinadas pesquisas sobre problemas analisados são livres de valores, alcançados simplesmente a partir dos dados disponíveis. Essa postura é, pois, questionada pela estudiosa, visto que a considera uma visão dogmática, a qual seria utilizada para distanciar a crítica social, e, muitas vezes “[...] proteger contratos profissionais com o estado corporativo militar [...]”, o que, na verdade, evidencia a influência dos valores na construção do conhecimento científico.

⁸ Tradução nossa de: “[...] with what constitutes a knowledge claim; how knowledge can be produced or acquired; and how the extent of its applicability can be determined.” (p. 5).

Assim, para refletirmos sobre a epistemologia em Linguística Aplicada, é necessário que situemos tal área de pesquisa quanto a como essa concebe a realidade, a neutralidade em ciência e a relação entre ciência e sociedade, já que esses três pontos, que dão conta da relação entre conhecimento, realidade e sociedade, são fundamentais para o debate acerca de como qualquer disciplina constrói e valida o conhecimento. A Linguística Aplicada, enquanto área de conhecimento de caráter crítico e indisciplinar, não concebe o conhecimento como dado, único, uniforme ou inquestionável, tão pouco a realidade pode ser pensada, aqui, como estática ou *a priori*. É por isso que, como veremos na seção seguinte, é preferível falar, ao nos referirmos à LA, em *epistemologias*, o que significa adotar um caráter transdisciplinar de produção de conhecimento científico.

4. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA LINGÜÍSTICA APLICADA NO CENÁRIO BRASILEIRO

Tais modos de compreender a realidade a partir da ação humana e de entender a construção de conhecimento de modo indisciplinar, como abordado nas seções anteriores, costumam ser orientações ontológicas e epistemológicas dos trabalhos em LA. Segundo Moita Lopes & Fabrício (2019), diferente de uma filosofia positivista de pesquisa e de métodos que produzem generalizações e verdades universais, a área se caracteriza pela adoção de uma filosofia interpretativista, tendo em vista que "a perspectiva aqui construída sobre a modernidade em transição requer o exercício de outros modos de imaginação epistemológica para dar conta da proximidade crítica de natureza ideográfica diante das perplexidades sociais que enfrentamos (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019, p. 715).

A partir de base ontológica relativista e premissa epistemológica indisciplinar, entendemos os caminhos teóricos que fundamentam a filosofia interpretativista de produção de conhecimento da área, segundo a qual fenômenos sociais não podem ser estudados fora de contexto e/ou de uma maneira semelhante aos estudos de fenômenos físicos (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2019). Essas premissas teóricas e filosóficas nos ajudam a compreender a associação da LA com o paradigma subjetivista de pesquisa, que justifica a tendência dos estudos da área de trazer para o centro as subjetividades e problematizar suas relações sociais que envolvem raça, gênero, sexualidade, nacionalidade, classe e status social, práticas de ensino/aprendizagem de línguas e questões de poder, ideologias e políticas em contextos situados. Pelo viés teórico-metodológico da LA, toda prática de linguagem é entendida como prática social, por essa razão linguagem e sociedade são tidos como indissociáveis (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006; PIRES-SANTOS et al., 2015; SIGNORINI, 1998).

No que diz respeito à subjetividade dos sujeitos que perpassa a produção de conhecimento científico, Arrojo (1996), ao abordar os estudos da tradução na pós-modernidade, aproxima as ideias que embasam essa discussão aos estudos em LA, permitindo-nos visualizar parte de como tal reflexão é levantada na área. Assim, questionando a neutralidade decorrente do pensamento moderno, a autora coloca:

Ao defender a possibilidade da objetividade e da razão, do conhecimento isento e neutro e, portanto, não-ideológico e de valor e alcance universais, a reflexão fundada no ideal da modernidade, que sempre foi, inevitavelmente, pautada pelos valores de uma determinada classe, de uma determinada raça, e de um determinado gênero, traz consigo também uma outra face, sombria e totalitária, marcada pela negação da diferença e da história, e que poderia justificar, por exemplo, entre outras manifestações violentas, o projeto europeu da colonização, o preconceito racista, o sexismo e até mesmo projetos de extrema repressão da diferença como o nazismo. Aliás, não seria mera coincidência o fato de que, precisamente a partir do Iluminismo (cujo início poderíamos localizar no final do século XVII) até a 2ª Guerra Mundial, a mesma Europa que sonha com a modernidade "iluminada" também dominou, ocupou e explorou quase o mundo todo. (Arrojo, 1996, p. 53-54).

Arrojo (1996) aponta ainda para o fato de o pensamento pós-moderno, embora crítico à neutralidade científica postulada pela ciência moderna, conforme apresentado na citação acima, ter apenas deslocado o poder da verdade do divino para o homem, mantendo aquela como absoluta e intocável. Consideramos, a partir disso, que a LA no cenário brasileiro, embora influenciada pelos pensamentos moderno e pós-moderno, é mais clivada atualmente por epistemologias vinculadas às visões críticas a respeito da ciência moderna, como as correntes feministas, *queer*, pós- e decolonial, pós-humanistas, etc. Tal realidade nos permite falar, na área, não de *epistemologia*, mas de *epistemologias*, o que se refere a sua característica transdisciplinar.

A LA se caracteriza como área de pesquisa transdisciplinar por buscar dialogar com outras perspectivas teórico-metodológicas, a fim de criar inteligibilidades em relação às práticas sociais situadas. A expansão de horizontes teórico-metodológicos que configuram a LA como área transdisciplinar é entendida como essencial para o desenvolvimento dos estudos na área (KLEIMAN, 2013; MOITA LOPES, 2006). O diálogo com outras disciplinas das ciências humanas e sociais se faz necessário para contemplar as diversas variáveis relacionadas aos sujeitos e aos contextos, pois "uma única disciplina ou área de investigação não pode dar conta de um mundo fluido e globalizado para alguns, localizado para outros, e contingente, complexo e contraditório para todos." (MOITA LOPES, 2006, p. 99).

O diálogo com outros campos de conhecimento, que objetiva responder às demandas epistemológi-

cas atuais da LA, faz com que a área seja percebida como feita de margens (SIGNORINI, 1998), de fronteira (MOITA LOPES, 1998), mestiça, híbrida indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), que busca reinventar diferentes modos de investigação da vida social com essa ponte. Essa abertura às outras áreas concede à LA uma natureza dinâmica de conhecimento produzido em contexto e demanda por responsabilidade dos pesquisadores para assumir escolhas teóricas e implicações éticas e políticas da pesquisa.

Conforme destacam autores como Signorini (2015) e Saunders, Lewis & Thornhill (2019), é natural que as disciplinas do campo aplicado assumam não uma epistemologia, no singular, mas epistemologias, no plural. Estes, tomando como exemplo os estudos de negócio e gestão, explicam que tais áreas operam sobre diferentes tipos de conhecimentos, os quais ficam mais explícitos quando consideramos os tipos de dados que os pesquisadores dessas áreas analisam, como: dados numéricos, textuais, visuais, históricos, ficcionais, etc. Nesse sentido, colocam: "Consequentemente, diferentes pesquisadores de negócios e gestão adotam diferentes epistemologias em suas pesquisas, incluindo projetos baseados em pesquisas de arquivos e relatos autobiográficos [...], narrativas [...] e literatura ficcional [...]." (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2016, p. 127)⁹.

Situação semelhante ocorre no campo aplicado dos estudos da linguagem, especialmente no Brasil, visto que, segundo Signorini (2015):

[...] a pesquisa nesse campo no Brasil não tem se pautado por uma única referência, modelo ou concepção do que seja produzir conhecimento válido, ou relevante, em contextos institucionais. Esse é o campo em que se confrontam e se combinam referências diversas, desde as inspiradas nas ciências naturais (tradições positivistas, racionalistas, objetivistas, naturalistas, etc) até as inspiradas nas ciências sociais, na história e na filosofia da segunda metade do século XX (realismo crítico, neopragmatismo, socioconstrutivismo, construcionismo, desconstrucionismo, etc). (SIGNORINI, 2015, p. III).

Além de destacar a característica transdisciplinar a área, que lança mão de epistemologias plurais para a construção de conhecimento, Signorini (2015) considera ainda a importância de se alimentar o debate epistemológico, visto que este estimula a metareflexividade, tão necessária e urgente, sobretudo em dada área do conhecimento que se propõe crítica e reflexiva. Nesse sentido, é possível indagar: "[...] que tipo de conhecimento se está produzindo com e sobre a língua(gem)? Como? Com base em quê? Em benefício (ou prejuízo) de quem?" (p. V).

⁹ Tradução nossa de: "Consequently different business and management researchers adopt different epistemologies in their research, including projects based on archival research and autobiographical accounts [...], narratives [...] and fictional literature [...]." (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2016, p. 127).

Os questionamentos acima demonstram a tendência da área de propor pesquisas socialmente relevantes, relacionada ao desenvolvimento de uma reflexão autocrítica da LA, que é bastante recente e ganhou destaque ao final dos anos 80, e mais efetivamente a partir dos anos 90, no Brasil (PIRES-SANTOS et al., 2015). Desde então, as pesquisas em LA buscam "[...] viabilizar e entender as resistências (ou ainda re-existências) desses grupos que, a partir da periferia, produzem novos saberes num processo de transformação global pelo local." (KLEIMAN, 2013, p. 53). O caráter ético e político das pesquisas em LA está aliado à noção de justiça social e epistêmica (SOUZA SANTOS, 2007), em uma tentativa de problematizar "[...] novas formas de politizar a vida social para além das histórias que nos contaram sobre quem somos." (MOITA LOPES, 2009, p. 23).

Tendo em vista os efeitos das pesquisas em LA para a vida das pessoas que orientam uma agenda de pesquisa política e ética (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006), as escolhas teórico-metodológicas da área refletem esse compromisso social da área. O caráter ético e político da agenda de pesquisa da LA diz respeito ao compromisso dos estudos da área em formular teorizações para entender as epistemologias locais e desenvolver estudos de utilidade social, o que implica na adoção de métodos de geração de dados que valorizem as subjetividades e epistemologias locais, em especial aqueles que partem da observação e do engajamento do pesquisador nas práticas sociais dos participantes, como forma de construir conhecimento localmente.

A partir das discussões apresentadas, nota-se que traçar um caminho de pesquisa em LA requer a compreensão de escolhas metodológicas condizentes com os objetivos éticos e políticos da área, pautados no paradigma subjetivista e filosofia interpretativista que regem a construção de conhecimento nesse campo de pesquisa. O entendimento do paradigma e da filosofia de pesquisa, portanto, parte da percepção das premissas ontológicas e epistemológicas da área que, como apontam Moon e Blackman (2014), são pré-requisitos para pesquisadores no processo de construção de sentido dos estudos desenvolvidos em LA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas neste trabalho, é possível compreender como as bases ontológicas e epistemológicas da área de LA possibilitam o desenvolvimento de pesquisas que partem da construção do conhecimento vinculado às práticas sociais dos sujeitos. A filosofia interpretativista de pesquisa, fundamentada pelo pressuposto ontológico relativista e pela premissa epistemológica indisciplinar, conduz estudos que concebem a construção de conheci-

mento a partir da interpretação humana socialmente situada. Tal disciplina tem adotado uma postura crítica a respeito do mundo, escolhendo olhar os fenômenos enquanto multifacetados, como são. Essas posturas, nem sempre presentes¹⁰, demandam dos pesquisadores da disciplina trabalhos de caráter transdisciplinar e os aproxima de visadas científicas que se posicionam criticamente frente à epistemologia das ciências modernas.

Tendo em vista o compromisso social e ético das pesquisas em LA que caracteriza os estudos recentes no cenário brasileiro e delineiam as bases teórico-metodológicas dos estudos na área no Brasil, projetamos à LA o pensamento de autores como Signorini (2015) e Saunders, Lewis & Thornhill (2019), a respeito das ciências aplicadas, de que tal área não é constituída por uma rigidez ontológica que orienta uma única epistemologia para contemplar a verdade sobre o mundo, mas sim uma percepção ontológica que considera as subjetividades como determinantes para a compreensão da realidade, que orienta uma postura epistemológica indisciplinar e socialmente comprometida, cujas bases almejamos terem sido satisfatoriamente debatidas neste trabalho.

10 Sobre isso, Pires-Santos et al. (2015) coloca "Dos anos 1990 para os dias atuais, a área da Linguística Aplicada (doravante LA) passou por mudanças fundamentais nos modos de produzir conhecimento, aumentando significativamente a reflexão crítica na área, aliada a uma ampliação do seu objeto de investigação (Signorini & Cavalcanti 1998; Cavalcanti 1996). O foco das pesquisas em LA passou a ser a presença de problemas com relevância social para exigir respostas teóricas que trouxessem benefícios sociais a seus participantes (Moita Lopes 1996), deslocando-se da ciência mãe, a Linguística, para buscar respostas/teorias em outras áreas das Ciências Sociais, como Sociologia, Antropologia, Sociolinguística, constituindo o seu caráter interdisciplinar."

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda de inocência. **Cadernos de tradução**, v. 1, n. 1, p. 53-69, 1996.
- BARAD, K. "Intra-actions" (interview of Karen Barad by Adam Kleinmann). 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/1857617/_Intra-actions_Interview_of_Karen_Barad_by_Adam_Kleinmann. Acesso em: 09 nov. 2020.
- DUARTE Jr., J. F. **O que é realidade?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- FABRÍCIO, Branca F. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem" – Redescrições em curso. In: L.P. Moita-Lopes (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.
- FOUREZ, G. A. **A construção das Ciências** - Introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo, Editora UNESP, 1995.
- KLEIMAN, A. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**, v. 1, p. 39-58, 2013.
- MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 113-128, 1998.
- MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma "proximidade crítica" nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópio**, v. 17, n. 4, p. 711-723, 2019.
- MOON, K.; BLACKMAN, D. A Guide to Understanding Social Science Research for Natural Scientists. **Conservation Biology**, Volume 00, No. 0, 1-11, 2014. Disponível em: https://www.idahoecosystems.org/sites/default/files/literature_resource/moon_and_blackman_2014_guide_to_social_science_research_0.pdf. Acesso: 30 de out. 2020.
- MOSTAJIR, P. **On the Role of Values in Science: A Pragmatist Deconstruction of Impartiality**. Joint Session of the Aristotelian Society and Mind Association. University of Kent, 2020. Disponível em: <https://voices.uchicago.edu/pmostajir/2020/07/01/aristotelian-mind-2020/> Acesso: 30 de out. 2020
- PIRES-SANTOS, Maria Elena et al. "Vendo o que não se enxergava": condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua (gem) em contexto escolar. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. SPE, p. 35-65, 2015.
- SANTOS, B. D. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista crítica de ciências sociais**, v. 78, 3-4, 2007.
- SAUNDERS, M. N.K.; LEWIS, P.; ADRIAN THORNHILL. **Research Methods for Business Students**. Pearson Education Ltd, Eighth edition, 2019.
- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, p. 99-110, 1998.
- SIGNORINI, I. Epistemologias da pesquisa no campo aplicado dos estudos da língua (gem). **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. SPE, p. iii-vi, 2015.
- SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Mercado de Letras, 1998.
- SOMEKH, B., & LEWIN, C. **Research Methods in the Social Sciences**. Thousand Oaks: Sage, 2005.